

“A VIDA DE DEOLINDA É A DEDICAÇÃO A UM IDEAL”: ENTREVISTA COM ROBERTO DE ALMEIDA

“DEOLINDA’S LIFE IS DEDICATION TO AN IDEAL”: INTERVIEW WITH ROBERTO DE ALMEIDA

Mateus Pedro Pimpão António¹

Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, mais conhecida por Langidila², é uma guerrilheira e escritora angolana, nascida em Catete no dia 10 de Fevereiro de 1939. A data exata de sua morte é, até ao momento, indefinida. Seus pais eram professores primários, sendo que o pai partilhava as tarefas do ensino com as de pastor protestante.

Deolinda Rodrigues testemunhou muitas atrocidades praticadas pelos portugueses durante a colonização em Angola, desde o cenário de revoltas populares na sua cidade até as injustiças presenciadas em Luanda, fato que criou nela a convicção da necessidade de lutar pela libertação de seu povo. Embora ela, anos mais tarde, viesse a pegar em armas para combater efetivamente, seu verdadeiro legado se deu no campo da escrita, tendo deixado escrito, para além de poemas e novelas que publicava no boletim da Missão evangélica, dois corpos simbólicos – o seu diário e as suas cartas – que, ao contrário do corpo real, sobreviveram às forças opositoras.

O diário de Deolinda foi publicado em sua primeira edição em Luanda, pela Editora Nzila, em 2003, com o título *Diário de um exílio sem regresso*. Em 2017 foi publicada, pela Mayamba Editora, também em Luanda, a segunda edição revista e atualizada. Um ano depois da primeira edição do diário, foi publicada a obra *Cartas de Langidila e outros documentos*, pela mesma editora. As duas obras mostram a importância da participação de Deolinda Rodrigues nas diversas frentes de luta pela independência.

No entanto, é sintomático que Deolinda seja conhecida apenas pelo nome. É curioso que, mesmo com o som de seu nome a soar constantemente nos ouvidos dos angolanos, quando dizem estar na Avenida, no bairro ou no Instituto Superior Politécnico Deolinda Rodrigues, haja, até ao momento, um tremendo silêncio quanto à sua pessoa e a tudo o que ela representa para o país. A maioria não conhece a sua história, o porquê de sua importância, o seu papel na luta pela libertação de Angola.

A presente entrevista, concedida a nós pelo Dr. Roberto António Víctor Francisco de Almeida, irmão de Deolinda Rodrigues, no dia 25 de Fevereiro de 2019, em Luanda, capital de Angola, serve de meio para divulgação do percurso de Langidila, sua participação no processo de descolonização do seu povo durante o período da colonização portuguesa.

Mateus Pimpão: Gostaria de começar com algumas questões de ordem manuscritológicas. Como os originais do Diário chegaram até ao Senhor?

Roberto de Almeida: Logo depois do 25 de Abril em Portugal, quando houve a revolução dos Cravos, saiu daqui uma delegação de militantes da clandestinidade que estavam no interior de Angola e foram à Brazzaville contactar a direcção do Movimento: Agostinho Neto, Lúcio Lara etc., que estavam em Brazzaville. Agostinho Neto, por acaso, nessa altura, não se encontrava lá. Mas essa delegação conseguiu contactar com o camarada Lúcio Lara e outros dirigentes que se encontravam em Brazzaville e, então, para além de fazermos uma exposição da situação interna em Angola (porque nós vivíamos cá dentro), queríamos atualizar sobre o que se estava a passar aqui após o 25 de Abril: criação de pseudopartidos políticos pelos portugueses, cada um criava aqui um partido e etc. Para além dessa informação, nós também quisemos conhecer a estrutura, a situação do Movimento lá fora, tínhamos preocupações: sabíamos que tinha havido a revolta ativa, que tinha havido alguma desistência de alguns camaradas que abandonaram o Movimento naquela altura etc. etc. Então, foi essa a interação que nós fomos fazendo. E, depois, fomos visitar algumas bases de guerrilheiros mais próximas da fronteira de Cabinda. Então foi assim que, numa dessas bases, eu encontrei uns familiares: dois primos meus que se encontravam lá, militantes do Movimento. Um deles tinha guardado, disse-me que tinha em casa (lá na base) alguns pertences da Deolinda. E, aliás, esse primo tinha crescido em nossa casa, o meu pai é que o criou praticamente; então era um familiar próximo. E, assim, ele entregou-me alguns pertences da Deolinda, entre os quais encontrei um diário, manuscrito dela. Foi assim que veio parar em minhas mãos, em junho de 74.

Mateus Pimpão: Em uma das cartas, notei que Deolinda pedia aos companheiros para que não guardassem as cartas que recebiam. Ela fala: não guardem as cartas, porque se a PIDE for revistar e encontrar alguma carta... Como conseguiu encontrar estas cartas? Todas as cartas foram publicadas ou há registro de destruição de algumas delas?

Roberto de Almeida: Bem, isto aqui não está bem entendido, deixa-me explicar: a Deolinda sai daqui [de Luanda] clandestinamente. Sai daqui até Lisboa e de Lisboa sai quase clandestinamente para o Brasil. Tanto mais que soubemos, mais tarde, que ela estava para ser presa em Lisboa ao embarcar. Mas ela marcou a viagem num barco que ia para o Brasil (uns paquetes que iam para o Brasil), e ela não foi naquele paquete, foi num barco de carga (num cargueiro) até ao Brasil. Porque ela já suspeitava que havia ali alguma situação à volta dela. Então ela conseguiu ludibriar a polícia, não embarcando no paquete, que era o barco normal de passageiros para o Brasil, e embarcou num cargueiro. Assim é que a polícia quando deu conta, ela já estava fora das águas territoriais. E, então, dado o carácter da fuga dela, ela aconselhava os parentes e pessoas amigas em Angola que não escrevessem para ela (porque ela também não ia escrever para aqui), porque a polícia aqui interceptava o correio de pessoas que tivessem saído daqui ilegalmente. Mesmo qualquer pessoa angolana que estivesse fora, a sua correspondência era escrutinada, era examinada, era... algumas vezes não entregavam, não chegavam. Então era por isso que ela aconselhava as pessoas a não escrever para ela e a não guardar cartas dessas se, por ventura, alguém tivesse recebido. Agora, as cartas que estão publicadas são cartas que ela escreve de fora para pessoas que também estão lá fora. Não era do Brasil para Angola, ou dos Estados Unidos para Angola ou do Brazzaville para Angola. Cartas dessas não há praticamente nenhuma. As dela foram para pessoas que também estavam no estrangeiro: na Alemanha, em Portugal, França, pessoas conhecidas dela, mas que sabia que não iam cair nas mãos da polícia portuguesa aquelas cartas; porque eram escritas lá no estrangeiro para pessoas que também estavam no estrangeiro. Não havia aquele problema da interceptação. Eu, por acaso, tenho aqui uma carta dela, está na Torre do Tombo (no arquivo da Torre do Tombo), que ela escreve de Leopoldville para um camarada que está numa das bases. Porque não era para o interior de Angola. Não era para o país, aqui o nosso país. Aliás, no segundo livro *Cartas de Langidila* tem lá vários documentos da PIDE (Polícia de Fronteira Portuguesa) a dar ordens a todas as fronteiras para que se a fulana tal aparecer aí, prendam-na imediatamente. Está publicada.

Mateus Pimpão: Houve alguma dificuldade por parte dos receptores em entrega-las ao senhor? Precisou-se de muita negociação ou foi fácil?

Roberto de Almeida: Essas pessoas não me entregaram diretamente. Algumas entregaram, pessoas que eu conheço, para quem a Deolinda escrevia estando no estrangeiro e que hoje estão aqui, trouxeram algumas dessas cartas. É o caso do Jacinto Fortunato, que ela chamava por Kanhamena. Porque vivia com ela no Brasil. E quando ela vai para os Estados Unidos, continua a escrever para ele dos Estados Unidos pro Brasil, não é para Angola. Outro era Ismael Martins, que também estava lá fora; a irmã do Ismael Martins estava na Alemanha. Portanto, pessoas de fora para fora. Então, algumas dessas pessoas guardaram algumas dessas cartas e entregaram-me quando regressaram ao país. Como eram pessoas que eu conhecia e que também me conheciam, não tive qualquer dificuldade em entregarem-me cópias dessas cartas.

Mateus Pimpão: Há informações de como os manuscritos foram preservados por tanto tempo e em lugares precários? Há registros de como a própria Deolinda os preservava? Como e onde se encontram hoje?

Roberto de Almeida: Os manuscritos... bom! Conforme eu digo no próprio documentário, quando o meu primo lá na base de guerrilheiros me deu as coisas da Deolinda eu vi assim muito rapidamente e, depois, detectei que havia lá um manuscrito, aquilo que seria um manuscrito. Mas eu não tive preocupações em lhe perguntar como é que lhe chegou às mãos, como é que não chegou... isso não me preocupou. Como é que foram preservados? Eu guardei. Depois dessa missão a Brazzaville em 1974, regressei a Angola, era já depois de 25 de Abril, a gente já tinha alguma liberdade para circular, para ir e vir; e guardei comigo, até que decidi publicar em 2003. Guardei esse tempo todo o documento comigo. Também não tenho registro de como a Deolinda os preservava. Realmente ela tinha na guerrilha onde ela escreveu alguma parte dessa coisa ou mesmo em Brazzaville, ela tinha os seus pertences; ela tinha aquilo que hoje se chama uma mochila, mas que, naquele tempo, se chamava *sacador*. Os guerrilheiros tinham *sacador*, que é uma palavra deturpada do francês. O francês chama *sac à dos*, que significa saco nas costas. Então, os guerrilheiros e toda malta aí do *sac à dos* do francês, passaram a chamar o *sacador*. Meu *sacador*... meu *sacador*, era a mochila que vinha nas costas. Ainda hoje os miúdos aí na escola põem as coisas aí nas costas. Aquilo era chamado *o sacador*. Onde se encontram hoje? Os manuscritos estão no memorial Agostinho Neto, cá em Luanda. Eu entreguei numa pequena cerimônia em que fiz a entrega do documento, com o objetivo não só de o preservar, mas também com o objetivo de até o reabilitar. Algumas páginas começam a ficar apagadas, e assim é um pouco difícil de ler; e, então, preferi entregar ao memorial para ver se eles conseguem encontrar formas de reabilitar aquilo. Aqui talvez não haja meios, mas talvez no estrangeiro. E aí eu tenho uma certa relutância em autorizar que seja enviado para o estrangeiro, porque eu já sei como é que são essas coisas lá: vão fazer cópias, vão tirar benefícios dessas coisas.

Mateus Pimpão: Sabemos que diários e cartas, principalmente na época em que Deolinda escreveu (1956 -1967), são vestígios que possuem suporte próprio. Qual é o tipo de suporte dos originais de Deolinda, principalmente o diário? As folhas estavam numeradas? Os papeis do manuscrito já chegaram muito desgastados pelo tempo ou eram minimamente preservados? Qual foi a maior dificuldade no processo de edição dos manuscritos até a sua publicação?

Roberto de Almeida: O que está no memorial é uma espécie de um caderno grande, assim um pouco volumoso. Contém folhas, várias folhas onde ela foi escrevendo. Não é propriamente um bloco de papel como nós conhecemos, mas é um conjunto de folhas alinhadas, já escritas, em que ela deixou todas aquelas... sua trajetória, os momentos que passaram etc. As folhas não estão numeradas. As folhas têm a data, tem ordem cronológica. Portanto, 7 de Janeiro, 8 de Fevereiro, 10 de Março, e então fui me guiando; porque tinha

uma sequência cronológica do tempo: dos meses e dias dos meses. A partir de uma certa altura, eu tenho uma certa dificuldade, penso que era (não sei se foi já na guerrilha)... ela deixa de pôr a data. Às vezes põe os dias de semana, às vezes não põe a data. E aí foi um pouco mais difícil. Porque eu fiz essa questão da sequência. Eu trabalhei sozinho, porque eu não queria dar aquilo a ninguém. Então fui me guiando... É possível que numa ou noutra página pode ter havido algum erro. Eu procurava acompanhar o sentido do que ela estava a contar. Por isso, eu via: bom, isso é antes, isso é depois... fui pondo aquilo numa certa ordem. Desde que ela morreu, de 68 até 74 quando chegaram às minhas mãos, foram 6 anos pelo menos; e, depois, até publicar em 2003, ainda mais tempo passou. Os papéis não continham lacre. Era só abrir e passar as folhas. Primeiro, datilografei eu próprio. Naquele tempo não tinha computador. Tratei de bater numa máquina datilográfica, daquelas antigas máquinas de escrever; exatamente porque se eu desse a alguém, talvez não soubesse seguir a ordem devida que devia dar. Havia algumas folhas que já estavam soltas etc., e era preciso ver onde encaixar aquela, onde meter esta etc. etc. Então fiz eu próprio, e... creio que com pouca margem de erro. Normalmente a coisa saiu bem.

Mateus Pimpão: Notei que em vários momentos aparece a expressão “ilegível” no diário. Que factores dificultaram de alguma maneira no processo de seleção textual? Como foi lidar com esses factores? Há sinais que revelam possíveis revisões do texto por parte de Deolinda (borrões, escritas/reescritas nas margens etc.)?

Roberto de Almeida: Ela tinha uma letra que não era difícil de ler. Era uma letra bem desenhada, e não era difícil de ler. Mas há algumas passagens em que ela escrevia qualquer coisa, depois riscava e escrevia outra. Mas são poucas, são poucas. Então aí teria que decifrar bem o que é que ela quis dizer, o que é que estava a dizer antes e o que é que dizia depois; e, como eu já disse, algumas folhas também já estavam a perder a tinta. A tinta já se estava assim a apagar. Já não era muito visível. E, então, isso criou alguma dificuldade. O papel não era fino, era mais grosso que isto (referindo a um papel de um bloco de notas). E ela escrevia frente e verso, escrevia dos dois lados.

Mateus Pimpão: Observei, no documentário, algumas fotos coladas no texto. Foi a Deolinda Rodrigues que colou ou alguém colou no papel do diário que é filmado?

Roberto de Almeida: Não tem! Não tem nada disso. No manuscrito não haviam fotografias. Não tem nenhuma fotografia. Fotografia eu é que arranjei. Algumas, alguns camaradas que estiveram por lá é que me deram cópias e algumas tirei da internet. Há um missionário metodista americano que esteve cá nos anos 50, que foi expulso pela PIDE depois de 61, daqui de Angola, que tinha muitas fotos daqui dos jovens: da Deolinda e das outras pessoas aqui. E depois de falecer, o filho dele criou uma página na internet para publicar muitas dessas fotografias. A página é <https://paulblake.smugmug.com/Angola-Methodist-PhotosFotos-Methodistas-de-Angola>.

Mateus Pimpão: O manuscrito permite uma leitura fluente? Na publicação encontramos mais de uma entrada numa mesma folha. É assim também no manuscrito? Tem a ver com a continuidade e a descontinuidade da escrita dela e com o fluxo argumentativo variável?

Roberto de Almeida: Sim. Mais ou menos. A letra da Deolinda não era difícil de ler e estava bem arrumado, com exceção daquelas folhas que se soltaram, que a gente podia ter alguma dúvida se é desta página mesmo, se é uma folha depois ou se é uma folha antes. Mas isso também se resolveu. Ela escrevia seguido. Bom, senão o manuscrito podia ser muito... o dia 1, por exemplo, podia ser 5 linhas. E aquilo não tinha sequência, ela não escrevia todos os dias: era dia 1, dia 2; depois, do dia 1 podia saltar a 8. E, dependendo do acontecimento ou do que ela queria relatar, o tamanho era variável. Às vezes, numa data 5 linhas só; noutra data escreve muito mais, 10 a 15 linhas, etc.

Mateus Pimpão: Gostaria, agora, de passar para questões relativas ao conteúdo das obras. É possível notarmos nas obras a indignação de Deolinda e a sua defesa da urgência em lutar, a fim de libertar o seu povo do jugo colonial. Qual era o panorama geral em Angola e em outros países africanos de colonização portuguesa que referenciam a convicção da necessidade de luta pela libertação nacional por parte de Deolinda?

Roberto de Almeida: Bem! Isso é conhecido, né. Angola era colonizada. Havia os portugueses, a administração portuguesa que se baseava em opressão, violência sobre os naturais; e havia aquelas técnicas de trabalho forçado, discriminação do ensino, enfim, uma série de coisas que já se conhece. O que fez Deolinda se levantar para libertar o seu povo era, em primeiro lugar, o conhecimento da situação que se vivia em Angola. Independentemente de... claro, ela era instruída, tinha estudado história, tinha estudado geografia e conhecia mais ou menos a situação no mundo, que havia os dominados e os dominadores. Ela conhecia a luta naquele contexto da guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética na altura, e as razões que opunham uns aos outros. Aqui em África havia alguns países independentes já: a Líbia, a Etiópia, a Libéria. Mas da África negra, o primeiro país é Gana, antiga Costa do Ouro, que se torna independente em 1957. Nessa altura, Deolinda já estava lançada na luta clandestina. Já conhecia um pouco mais da situação, mesmo aqui nos países africanos etc.

Mateus Pimpão: Deolinda parece se ressentir com algumas posições da igreja, aparentemente sugerindo que elas a impediam de lutar pelo seu povo. Como o senhor analisa essa aparente contradição da participação da igreja (Metodista) na independência de Angola?

Roberto de Almeida: Sabe que a igreja católica em Angola era a igreja do estado, era a igreja do governo português. Era a igreja de quem o governo português recebia apoio para continuar a colonizar e para fazer a sua política. Aliás, sabe-se que aquele lema Cruz e a Espada era a igreja e o estado. A igreja que, como sabemos todos, essas campanhas guerreiras, tropas que vinham de Portugal para lutar em Angola naqueles batalhões, antes ia lá o

capelão, o cardeal patriarca de Lisboa abençoar essas tropas, fazer lá uma missa com eles. Então demonstrava claramente a relação que existia entre a igreja católica e o Portugal colonialista. Ora, isso o que é que dava? Dava que outras igrejas que viessem aqui para Angola eram mal vistas. Eram os que estavam a desfazer a política portuguesa. O estado português suspeitava muito das igrejas estrangeiras que viessem aqui provenientes de outros países: metodistas, batistas, adventistas e todas essas que eram igrejas ou religiões estrangeiras para Portugal, e que vinham aqui ensinar o preto a abrir o olho. Vinham aqui, abriam escolas, quando a política de educação de Portugal era discriminar os negros. Para uma pessoa entrar num Liceu aqui era completamente difícil... muito difícil. Tinha que ter bilhete de identidade, o pai tinha de ser assimilado. Quando vem uma religião que começa a abrir escolas onde o preto pode entrar, claro que Portugal não ia ficar satisfeito. Estava a contradizer a política deles de discriminar, para o negro não ser esperto e para não lutar, depois, pela independência. Eles queriam ficar aqui toda vida. Isso é o que aconteceu. Mas quando se diz aqui que se ressentia com algumas posições da igreja é porque a Deolinda usava o meio da igreja para fazer a sua política clandestina, para fazer reuniões clandestinas com outros jovens. Então os americanos sabiam que os portugueses não gostavam disso e procuravam que isso não se fizesse assim, que os portugueses não soubessem que elas estão ali a usar as salas da igreja para fazer reuniões clandestinas. A Deolinda ficava revoltada com isso. Ela não dizia isso abertamente, mas ela ressentia-se dessa posição da igreja, que era legítima, que era natural dos americanos e outros aqui que não queriam conflitos abertos com o estado português aqui em Angola. Isso vê-se que, logo depois do início da luta armada em 1061, os missionários norte-americanos, foram presos e expulsos de Angola. Por que? Porque estavam a ser conotados: vocês, o vosso trabalho foi aqui abrir os olhos do preto; vocês é que estão na base dessas revoltas, dessa luta que está a surgir... então foram expulsos. Alguns foram presos ainda aqui, em 1961, antes de expulsos. Havia missionários americanos, ingleses; havia um norueguês que eu conheci... tinha vários. E foi preciso o governo americano intervir junto a Salazar para ele libertar esses missionários que foram presos aqui. Portanto, ela ressentia-se com algum medo que os missionários americanos tinham em não deixar as pessoas a vontade ali na igreja. Mas não era para defender os portugueses. Era receio deles, pois algumas vezes o governo aqui em Angola fechou igrejas protestantes. Quando via que ali já havia muita gente que se reunia muitas vezes, iam lá com um grupo de militares sipaios e fechavam as igrejas. Para evitar essas situações, os missionários americanos mantinham uma certa cautela para não haver lá coisas feitas abertamente que obrigassem as autoridades portuguesas a intervir.

Mateus Pimpão: Muitos dos intelectuais angolanos, como os pertencentes ao Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA – Viriato da Cruz, Agostinho Neto, António Jacinto etc.) e outros que surgiram mais tarde expressaram o seu carácter contestatário em relação à colonização por

meio de poesia, romance e contos. Embora tenha escrito alguns poemas, Deolinda elegeu o diário e as cartas para se expressar. O senhor acredita que exista algum motivo especial que tenha motivado essa escolha? E tudo isso se perdeu?

Roberto de Almeida: Bem, Deolinda não escreveu só poemas. Grande parte da produção dela acho que se perdeu, não é conhecida. Ela publicou alguns poemas num jornal aqui que era da Missão Evangélica que se chamava o *Estandarte*; tinha também um livro de canções, algumas delas em kimbundu, que ela guardava. Enfim, é só para dizer que ela não escreveu só poemas. Escreveu também textos de reflexão, coisas que ela pensava e ia escrevendo. Eu não conheço nada atualmente. Mas há coisas que, às vezes, algumas pessoas guardaram. E, então, guardam para elas. Não dão e ninguém sabe que elas têm. É possível que exista um ou outro amigo daquele tempo que tenha guardado alguma coisa de Deolinda. Esse material é deles. Se quiserem dar, dão. Há o caso de uma missionária americana que escreveu um livro intitulado *Dear Deolinda*. Era americana, amiga de Deolinda, chegou aqui jovem (20 ou 21 anos), ao regressar aos Estados Unidos continuou a corresponder-se com Deolinda, trocavam cartas. Chegou uma altura em que ela se casou nos Estados Unidos e mudou de casa, num outro estado. Nessa mudança, perdeu as cartas que ela guardava de Deolinda. Até que, passados anos, ouve dizer que a Deolinda tinha morrido. E, por coincidência, encontra o maço de cartas. Tinha extraviado, não sabia onde estavam. Ela as reencontra e dá resposta a essas cartas da Deolinda que ela não tinha tido tempo de responder, e escreve um livrinho *Dear Deolinda – Querida Deolinda*. Publicou esse livro em inglês, claro. Eu tenho um exemplar porque ela me mandou. Mas não foi posto à venda aqui. Está em inglês e nem todos entendem.

Mateus Pimpão: Deolinda era mulher, negra e muito jovem. O Senhor acredita que esses factores podem ter limitado a influência dela como intelectual, inclusive pelo MPLA? Houve alguma tentativa de silenciar a sua voz por parte do colonizador? E do partido?

Roberto de Almeida: Bem, a Deolinda sempre foi muito ativa e tinha aquele carácter de influenciar as outras pessoas, transmitir... Mesmo aqui na clandestinidade ela reunia na casa onde vivíamos, sábados à tarde, normalmente convidava jovens, estudantes com quem ela se relacionava. Oferecia um chá, uns bolos e tal, e iam conversando. Era a maneira dela aproximar-se e transmitir algumas mensagens às outras pessoas, sobretudo aos jovens como ela. O colonizador queria prender a Deolinda e evitar que ela andasse por aqui a semear revoltas entre os outros jovens. O colonizador tinha todo o interesse em silenciar a Deolinda. E ela fez parte do processo dos 50. Se ela continuasse aqui, tinha ido presa com aqueles grupos de mais velhos que foram deportados para Cabo Verde. Ela fazia parte desse grupo já. No partido, que não era partido na altura – era um Movimento, ela também teve, por causa desse carácter dela de se interessar e de ser muito ativa, é mesmo isso que a levou a ir a integrar o esquadrão Camy para tentar chegar à pri-

meira região político-militar nos Dembos. Porque no Movimento deram-lhe tarefas mais de administração: secretarias, escrever cartas, traduzir cartas etc. Mas esses trabalhos não lhe agradavam, ela queria ação. E logo que teve uma oportunidade de ir à fronteira com os guerrilheiros, pretendeu ir para estar junto com os guerrilheiros, porque ela queria ação e conhecer mais. Mas num Movimento há ordem. Sobretudo num país estrangeiro onde as pessoas só viajavam com guias passadas pela direção do Movimento... Tinha certas regras, não era qualquer pessoa que podia avançar para uma base. Mesmo sendo ela militante, foi sem essas permissões. Isso fez com que o Movimento procurasse limitar a sua vontade de conhecer tudo e andar em todo lado. É a mesma coisa que se identificou quando apareceram os primeiros cubanos, a Deolinda queria conhecer muito mais sobre Cuba, sobre a revolução cubana; queria conversar com esses instrutores cubanos que tinham chegado, e o Movimento punha-lhe algum travão para não estar junto desses que tinham uma missão especial. Só a direção, em princípio, é que os contactava. Portanto, por essas razões todas, ela, naturalmente, ficava um pouco... e sentia que certas coisas não lhe davam a fazer por ser mulher. Porque não confiavam nela como uma pessoa capaz de desenvolver determinadas tarefas que normalmente são atribuídas aos homens etc. etc.

Mateus Pimpão: Pela escrita dos diários, vemos que o maior desejo de Deolinda era empunhar uma arma e lutar pelo seu povo. Mas ela tinha uma arma poderoso em suas mãos: a caneta. E com essa arma, ela passou a assinar: “Vitória ou morte”. O que essa assinatura significou naquele contexto e como podemos ver essa assinatura sendo encarnada pelos guerrilheiros naquela altura?

Roberto de Almeida: Vitória ou Morte era o lema do Movimento naquela altura. Não é a Deolinda que criou isso. Isso era o lema do Movimento, do MPLA naquela altura. Só em 1972 ou 1973 é que se alterou para Vitória é Certa. É a evolução do mesmo lema, da mesma palavra de ordem. A partir de certa altura, com a evolução da luta, o Movimento ficou mais certo de que a vitória era inevitável, tinham que ganhar. Então, aí alteraram o Vitória ou Morte, que era o caráter de decisão da guerrilha – o guerrilheiro ia para a luta certo de que podia ganhar ou também podia morrer; mas, depois, quando a luta ganhou uma maior amplitude, então alteraram essa palavra de ordem para Vitória é Certa.

Mateus Pimpão: Qual foi a importância do engajamento da Deolinda Rodrigues e das mulheres angolanas em geral na luta de libertação de Angola? Qual foi o papel dessas mulheres nessa luta?

Roberto de Almeida: Muita mulher se engajou nessa luta em várias frentes. Na frente da mobilização, as mulheres dirigiam-se às outras mulheres e mesmo aos homens para explicar as razões da luta, o que é que se queria fazer com a luta, quais seriam os objetivos da Angola independente, o que é que o MPLA propunha na Angola independente. Era toda essa publicação política que tinha que ser dada a muitas mulheres que não entendiam muito

bem por que é que se estava a lutar e por que é que as mulheres também tinham que lutar. Era preciso fazer esses esclarecimentos permanentemente. E, depois, tem as mulheres que se empenharam e pegaram mesmo em armas e lutaram na frente de combate; algumas também tombaram. Para além desse grupo da Deolinda que ficou integrado no esquadrão Camy, houve outras mulheres, outras senhoras que deram o melhor de si, e algumas como enfermeiras, outras como alfabetizadoras, muitas delas foram professoras; e algumas, como Deolinda, foram locutoras na rádio que emitia o programa *Angola Combatente*, que era o programa que o MPLA difundia através da rádio Brazzaville. Parece-me que, primeiro, o programa era 3 vezes por semana e, depois, passou a ser diário.

Mateus Pimpão: O intelectual é fruto da complexidade dos contextos sociais: qual é a importância de Deolinda Rodrigues na construção das identidades angolanas e africanas?

Roberto de Almeida: Deolinda sempre manteve bem amplo o seu lado africano. Mesmo aqui, o português reprimia o angolano que, sabendo ler e escrever, falasse kimbundu. Não gostava que se falassem línguas nacionais: Umbundu, kicongo. O português não gostava que se usassem trajes tradicionais. O traje que a pessoa devia usar era calça, camisa ou fato e gravata, que são os costumes europeus. Mas Deolinda gostava de usar panos. Ela, sendo assimilada e uma pessoa culta que já tinha ido ao liceu, andava na rua de pano e descalça na baixa de Luanda, onde iam os brancos, que ficavam todos a olhar: mas essa aqui quem é? Esse era o lado africano dela que nunca desprezou. Procurou sempre fazer ressaltar.

Mateus Pimpão: O diário desvela para nós uma escrita autorreflexiva, uma escrita de luta interior: ela luta contra muitas coisas, mas principalmente contra o seu “falatório”. E o peso dessas lutas internas a fazem evocar a família, em especial a mãe. Por que a mãe?

Roberto de Almeida: Isso é circunstancial, porque a Deolinda, como culta que era, entendia que tinha sempre que dar respostas. Como se diz: não levava desaforo para casa. Qualquer palavra, qualquer ofensa ela procurava logo responder. Quando fosse para falar, falava mesmo. Isso provocava-lhe também alguns desgostos, pois há pessoas que a punham de parte, entendiam que ela se armava em sabichona, sabia tudo, tinha resposta para tudo. E isso não agrada. A relação com a mãe foi particular, porque foi a mãe que nos criou. Nós vivemos mais com a nossa mãe até certa altura, porque o nosso pai, como pastor e professor, era transferido de uma missão para outra, não estava fixo no ponto mais que 1 ou 2 anos e, então, nós que estávamos a estudar precisávamos de estar num lugar em que houvesse a escola, em que houvesse a possibilidade de irmos para o Liceu etc. Então, nossa mãe é que vivia mais conosco. Vivia aqueles problemas todos aqui em Luanda sem grandes meios de vida, passávamos fome e tudo isso, o que era normal naquela altura, todas as famílias africanas tinham esses problemas, além de se defrontarem diariamente com a colonização que dizia palavras ofensivas.

Se alguém tentasse reagir, chegava logo um grupo de 5 ou 6 pessoas e podiam prendê-lo, podiam agredi-lo a vontade e não tinha quaisquer consequências.

Mateus Pimpão: Deolinda sonhava com uma Angola livre, não apenas da opressão colonial, mas também das reproduções de comportamentos do colonizador apresentados pelos membros do MPLA (luta pelo poder, racismo interno, torturas aos traidores, descaso com a população). O que o senhor acha que Deolinda Rodrigues pensaria do nosso país hoje, da relação entre os governantes e a população?

Roberto de Almeida: Bom, isso é um pouco difícil de responder, não é!? Tinha de ser a Deolinda para responder essa pergunta. Mas evidentemente que a relação hoje não é muito boa, e não é, com certeza, aquilo que a Deolinda pensava. Deolinda era uma pessoa que pensava pela sua cabeça, mas gostava de ouvir as pessoas. Procurar compreender as situações, conhecer os problemas de cada um dos cidadãos; o que é que fazia estarem nesta ou naquela situação. Naturalmente que a relação entre os governantes e a população hoje em dia vai sendo cada vez mais aberta, mais próxima do povo. Mas naquela altura, nos primeiros anos da independência, com certeza era uma situação que não lhe ia agradar; não ia agradar a Deolinda, além de que ela também compreenderia que estávamos também numa situação de guerra. E em situações de guerra não é muito fácil haver esta aproximação permanente, a não ser com aquelas pessoas que conhecemos melhor.

Mateus Pimpão: É corrente afirmar-se que o passamento físico de Deolinda Rodrigues se deu em Março de 1967. Alguns até falam em dia 2 de Março do referido ano. Entretanto, os poemas de Deolinda que se encontram no anexo do Diário datam de períodos após Março de 1967 e até mesmo de Março de 1968. Se o passamento físico de Deolinda se deu em Março de 1967, como explicar seus poemas datados de meses após o seu passamento?

Roberto de Almeida: As circunstâncias da captura de Deolinda e suas companheiras em 2 de Março, após regresso da incursão ao norte de Angola, deu lugar a várias versões. Uns dizem que foram assassinadas logo naquele mesmo local, outros, que foram levadas para uma prisão. Na verdade, elas foram transportadas para a base militar da FNLA, em Kinkuzu, onde permaneceram em cativeiro até pouco antes da visita de uma Comissão de bons ofícios da OUA que foi enviada ao Congo, a fim de avaliar o estado da luta e a verdadeira contribuição de cada um dos movimentos. Dada a reclamação do MPLA relativamente à prisão de seus militantes encarcerados em várias prisões de Leopoldville, o que era sempre negado pela FNLA, no quadro dessa missão estava prevista a visita aos quartéis e prisões para averiguar a veracidade dessas queixas. Foi nessa época que elas e outros presos foram executados, talvez já no ano de 1968 (finais) ou 1969. Na 1ª edição do livro há o fragmento de uma autobiografia de um combatente da FNLA, que desertou mais tarde e que afirma tê-las visto na base de Kinkuzu.

Mateus Pimpão: O que o Senhor acha relevante sobre a obra e vida de Deolinda que gostaria de acrescentar?

Roberto de Almeida: É a dedicação a um ideal. A vida de Deolinda é a dedicação a um ideal em que ela se empenhou desde que nasceu até que morreu. Entregou-se a um ideal: o ideal supremo da vida dela era a libertação dos angolanos. Como eu disse, é possível que essas duas obras que foram publicadas não digam tudo sobre a Deolinda, porque ela também deixou muito mais coisas, sobretudo nos países por onde ela passou: no Brasil, nos Estados Unidos, mesmo em Gana, Brazzaville e Leopoldville. Eu sei, por exemplo, que ela se correspondeu durante muitos anos com uma senhora cubana que era a presidente da Federação das Mulheres Cubanas. Ela se chama Vilma Espín, foi engenheira química e chegou a ser esposa do Raul Castro, irmão do Fidel Castro, durante muitos anos e depois separaram-se. Ela correspondeu-se com a Vilma Espín. E eu, junto das autoridades cubanas, procurei ver se eles me podiam dar cópias das cartas que ela trocou com a Vilma Espín, mas os cubanos disseram que aquilo tinha mudado de um museu para o outro... O que é certo é que não me deram nada até hoje. Paciência!

NOTAS

1 Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas.

2 Langidila é o seu nome de guerra na língua Kimbundu, significa “vigilante” ou “sê vigilante”